

HOMENAGEM AO PADRE JOÃO DE FREITAS FERREIRA

Carvalhos, 7 de Julho de 2023 – Paulo Rangel

I

“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e Deus era o Verbo” (Jo, 1, 1).

Foram estas as palavras que escolhi para principiar a falar-vos do Padre João de Freitas Ferreira; para todos nós, simplesmente, o Padre Freitas.

“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e Deus era o Verbo”. Esta é a conhecida abertura do Evangelho de João, texto belo e profundo, a que o Padre Freitas devotava uma afeição – um amor, não há que ter medo das palavras, um amor –, devotava, dizia, um amor incomensurável, amor que era fonte permanente e inesgotável da sua meditação. Esta identificação com o Evangelho de João, não sei *exactamente* a que era devida. Um João fascinado por outro João? Um João fascinado, não tanto pelo discípulo que Jesus amava – o João Evangelista –, mas pelo outro João – o Baptista – que, neste Evangelho, é uma referência bem mais frequente que nos outros três sinópticos?

Não sei se seria o mistério desse triângulo *João de Freitas–João Evangelista–João Baptista*, mas, nas poucas vezes que falava directamente da Fé, era recorrente a invocação, o apelo à “pedagogia do amor em S. João”: a ideia do amor, da relação umbilical e íntima do Pai e do Filho, do “*permanecer* no outro”, do “*estar* no outro”, do “*ser* no outro”, do “ninguém ir até ao Pai senão pelo Filho” e do “Amor Pai-Filho” ser o modelo para o Amor ao Filho e o Amor entre os irmãos. “Permanecei no meu Amor (...) tal como (...) eu permaneço no Amor do Pai” – lê-se em Jo, 15, 9-11. Estas referências joaninas eram recorrentes, para não dizer constantes”, na vivência da fé do Padre Freitas.

II

Voltando ao início e à escolha dessa frase fundadora do cristianismo:

“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e Deus era o Verbo”

“Verbo” é a tradução que S. Jerónimo escolheu para o original grego “Logos”. No princípio era o *Logos*. Ora, como todos os versados em filosofia decerto sabem, *Logos* é um conceito praticamente intraduzível para Latim e para todas as línguas neo-latinas. Por um lado, quer dizer *palavra ou discurso* – como se vê nos nossos vocábulos *diálogo, monólogo, locução, locutor*. E daí a opção de S. Jerónimo pelo latino “*verbum, verbi*”. Mas também significa “razão” – *ratio* em latim, que nos leva aos nossos vocábulos *lógica* e a todas as “*logias*” como *biologia, psicologia, teologia*, isto é, ciência. O *Logos* é, portanto, palavra que é razão, é razão que é palavra, é verbo racional ou razão verbalizada. Em João, Deus é razão, Deus é Palavra – Jesus é a razão feita palavra e a palavra feita razão.

Muito haveria a dizer, aqui e agora, sobre este Deus que é Razão e Palavra, uma Palavra-Razão que se fez carne. Mas, quando me abalancei nesta invocação inicial, foi porque não achei melhor “espelho” ou melhor “captura” do espírito do Padre Freitas do que esta síntese: palavra e razão. E palavra e razão, logo por felicidade colhidas nesse texto que tanto o marcou.

Por isso retorno à abertura sublime, de João: no princípio, era o Verbo. O Logos, a razão, a palavra. O Padre Freitas foi razão e foi palavra. Razão com palavra e palavra com razão. Razão e palavra que deu frutos, isto é, que foi também acção, *praxis*, obra. Um homem de acção, que desceu do “arkhê”, dos primórdios, e encarnou no quotidiano, no dia-a-dia, na vida de carne e osso dos humanos.

Não por acaso, diz João, capítulo I, a versículos 14:

“E o Verbo fez-se carne e habitou entre nós”.

A Razão e a Palavra fizeram-se carne, deram frutos, engendraram obra.

III

João de Freitas Ferreira nasceu na freguesia do Faial, concelho de Santana, Madeira, em 1933 – perfazem-se hoje precisamente 90 anos. Cedo

ingressou no seminário aos 12 anos, como era hábito nos anos quarenta. Fez já o noviciado nos Carvalhos, em Vila Nova de Gaia, e, em 1954, professou votos perpétuos na Ordem dos Missionários do Coração de Maria, mais conhecidos por Missionários Claretianos. Nesse mesmo ano, rumou a Frankfurt, onde se haveria de licenciar em Teologia, na universidade jesuíta de St. Georgen, em 1958. Também em 1958, foi ordenado sacerdote católico na cidade alemã de Weisserhorn. A sua experiência alemã haveria de marcar toda a sua vida – a disciplina, o sentido da comunidade e do colectivo, a capacidade de programação e planeamento. E também a profunda admiração pela abnegação e sentido de sacrifício pelo povo alemão. Nem todos terão exacta consciência de que o Padre Freitas chegou à Alemanha 9 anos depois de ter terminado a II Guerra Mundial: encontrou um país em ruínas, cheio de feridas e de traumas, mas obstinadamente empenhado em se reconstruir e reerguer. Foram várias as vezes em que me falou do modo como os alemães trabalhavam incansavelmente para pôr a sua sociedade de pé. As condições eram ainda duríssimas, a morte, a culpa e a vergonha estavam por todo o lado, o trabalho de sol a sol, o alimento nem sempre garantido e, mesmo assim, a esperança estava lá: era preciso reconstruir e levantar de novo.

O Padre Freitas vinha das agruras de uma ilha pobre e foi encontrar-se com um país que saía da guerra das guerras. Esta convivência com a adversidade forjou o seu carácter de determinação, inconformismo, resistência. E assim se revelava aquela personalidade que, com um humor insuspeito, o Dr. Abel Saraiva – um dos irmãos Saraiva, professor de Físico-Químicas – definiu há bem mais de 30 anos. Disse ele, aqui, em ocasião festiva, acerca do Padre Freitas:

“O ilhéu, até depois de morto, dá coices”.

IV

Isto é tudo o que sei até ao ano de 1974. Mas não é difícil adivinhar que os anos 60 foram largamente marcados pelo Concílio Vaticano II, pela digestão da sua riquíssima renovação e pela interiorização e radicação dos seus valores e princípios. O Padre Freitas foi, ele próprio e bem assim a sua vida e o seu

testemunho, a encarnação, a hipóstase do Vaticano II. Seria fácil dar um subtítulo ou até um título à sua biografia: *Um Homem do Vaticano II*. Poucos, como ele, absorveram o carisma e o espírito do Concílio e, em particular, da *Gaudium et Spes* – a constituição conciliar sobre a Igreja no Mundo Actual. Nela, o capítulo sobre a cultura e a educação precede os capítulos sobre o desenvolvimento sócio-económico e sobre a paz, a política e as relações internacionais. Rer os números 53-62 explica muito do magistério e da obra do Padre Freitas. E de como fez da educação a paixão da sua vida e a vida da sua paixão.

V

É justamente este homem, com este percurso de vida, com esta formação, com esta abertura e modernidade que, em 1974, foi nomeado Director do Colégio Internato dos Carvalhos, cargo que ocuparia 27 anos até 2001. Foi a partir dali, já no final dos setenta, que comecei a ouvir falar no Padre Freitas; o seu colégio era uma instituição lendária, famoso em todo o país pelo rigor da sua disciplina e pela excelência do seu ensino.

O colégio vinha ainda de uma tradição educacional repressiva. A chegada do Padre Freitas à Direcção do colégio abre um tempo novo: ciente de múltiplas resistências, conseguiu gradualmente erradicar a prática de aplicação de castigos físicos. E, rapidamente, encetou um processo de modernização do colégio, aproveitando a plêiade extraordinária de professores que por ali tinha e que, verdade seja dita, pelo seu saber e pela sua pedagogia, mais pareciam universitários. Será injusto fazer-lhes a lista: mas lembro o Dr. Padrão na matemática, o Dr. Lima na Física e na Química, a Dra. Odete na Biologia e Geografia, o Dr. Branco na Filosofia, o Dr. Porfírio Saraiva no Inglês-Alemão, o Dr. Joaquim Costa na História, o Dr. Coelho de Moura no Português-Francês, o Professor Simão Cardoso e Cidália Geada no Latim, o Dr. Peixoto no Português, o Dr. Prudêncio no Francês, o Dr. Patacas e o Eng.º Delfim na Educação Visual, o Professor Magalhães e o Professor Vítor na Educação Física, a Dra. Ana Rita nas Económicas, e ainda alguns mais jovens, o Dr. Rui Fonseca no Inglês, o Dr. Rogério Couto e a Dra. Balbina na Geografia, o Dr. Guilherme na Matemática, a Dra. Albertina na História. Todos eles, sem excepção, com uma relação próxima e imediata com o director. Isto para não falar dos membros da comunidade, que

faziam a sua vida no colégio: o adorável Padre Fidalgo, o Padre Álvaro, o Padre Custódio, o Padre Baltasar.

VI

Nos anos difíceis do pós-revolução, e para lá da profunda modernização do colégio, abraçou duas causas em que alcançou dimensão nacional. Uma foi a liberdade de ensino, profundamente ligada ao princípio da subsidiariedade, fundamental na doutrina social da Igreja. Foi um membro proeminente da luta por essa liberdade, ao lado por exemplo de jesuítas como Amadeu Pinto e Nuno Burguete, designadamente nessa grande jornada que foi o III Congresso do Ensino Particular e Cooperativo (em Lisboa, 1983).

Outra, bem mais perene, foi a luta incansável pela introdução do ensino técnico-profissional e profissional nos currículos do secundário e até do básico. Trabalhou arduamente com vários Ministros da Educação, mas muito intimamente com José Augusto Seabra, que havia sido seu professor na Faculdade de Letras do Porto, quando, a rondar os 50 anos, se abalçou a uma segunda licenciatura e ao mestrado. Contra ventos e marés, no final dos anos oitenta e nos anos noventa, transformou o Colégio dos Carvalhos numa escola de referência do ensino técnico e tecnológico, franqueado à frequência de todas as classes sociais. Como corolário natural deste desígnio, abalçou-se depois na criação do ISP-Gaya, sempre na convicção de que, em Portugal, a falta de formação técnica e profissional era o principal obstáculo à mobilidade social e à realização pessoal e comunitária através do trabalho.

O ensino técnico e profissional era sua grande causa, decerto nascida na Alemanha, onde o sistema de ensino dual e a sua contribuição para o desenvolvimento económico e social o marcaram indelevelmente.

VII

Apesar da sua erudição e da sua profunda ligação à cultura, designadamente à literatura, ou talvez por causa dela, nunca acreditou num ensino livresco e teórico. Conhecedor profundo d' *Os Maias*, de Eça de Queiroz, entre a educação do enfezado Eusebiozinho, que declamava poemas ridículos nos serões da quinta de Santa Olávia, e a educação austera e atlética de Carlos da Maia, o Padre Freitas não hesitava. Sem desporto, sem treino físico, não há

educação que mereça o nome. A importância que deu ao desporto na formação dos alunos foi constante. Apaixonado pelo voleibol – disciplina em que as equipas do colégio chegaram bem longe –, deu prioridade à educação física e aos desportos de equipa como pilares da integração e de desenvolvimento.

Era enorme e perscrutadora a sua abertura às novas tecnologias, mesmo quando elas ainda eram só o incipiente radio-amadorismo ou depois as rádios-pirata. O clube de radio-amadorismo, o apetrechamento dos laboratórios, a visão sobre o que seria a sociedade da terceira vaga do Alvin Tofler, tudo estava lá, tudo estava cá.

Absolutamente excepcional era o modo como estimulava a que as artes – a escrita, o teatro, o desenho, a música – entrassem na vida diária do colégio. Ele mesmo, um cultor da literatura e da poesia, um conhecedor invulgar de Camões, um declamador sem igual. Nos anos oitenta, a educação física, a educação visual, os trabalhos oficinais não eram coisa menor no colégio. Os saraus culturais, com teatro, com música, com poesia, com exibição de cinema, tinham lugar várias vezes ao ano. Recordo, em especial, um, algures nos finais do 9.º ano, em que o Padre Freitas, para surpresa de todos, incluindo do grande dinamizador e uma das minhas referências de vida – o dr. Coelho de Moura, um autêntico professor do filme “O clube dos poetas mortos”, antes mesmo que o filme tivesse sido feito –; recordo que, para surpresa de todos, o Padre Freitas terminou o serão com a declamação simplesmente brilhante e esmagadora do discurso do Velho do Restelo, canto IV, estrofes 94-104 d’ *Os Lusíadas*. Confesso-vos que estou aqui, hoje, precisamente 40 anos depois, e ainda estremeço, escutando o eco longo da sua voz canora e belicosa naqueles versos finais:

*Não cometera o moço miserando
O carro alto do pai, nem o ar vazio
O grande architecto co filho, dando,
Um, nome ao mar, outro, fama ao rio.
Nenhum cometimento alto e nefando
Por fogo, ferro, água, calma e frio,
Deixa intentado a humana geração.
Mísera sorte! Estranha condição!*

VIII

Eis, pois, um colégio que ostentava a fama e carregava a lenda do rigor, da disciplina, da correcção dos expulsos de todo o lado, onde muitos esperavam um rígido, frígido e antiquado ambiente militar e hierárquico. E onde, afinal, por entre essa disciplina congénita, florescia o desporto, despontava a ciência, cultivava a arte, respirava e transpirava a modernidade.

Arrojada, foi por isso a forma como, por volta de 1983-1984, introduziu o ensino misto num colégio que sempre fora exclusivamente masculino. Ele não acreditava na educação segregada e promoveu, ciclo a ciclo, dos mais altos para os mais baixos, a formação de turmas mistas. Como na integração do desporto e da cultura, também na promoção de uma convivência sã entre os rapazes e as raparigas estava no âmago da *Gaudium et Spes*.

Muito importante foi também a sua tenaz resistência ao sistema de internato, que ele sempre viu como um serviço, mas que considerava a *ultima ratio* de qualquer estabelecimento educativo. Quanto aos internos, muitas vezes o ouvi dizer, temos de evoluir para um regime em que ele valha só em casos excepcionais, devidamente avaliados e justificados.

De resto, é também da sua lavra a introdução de uma psicóloga, a tempo inteiro, no colégio, que acompanhasse os alunos com dificuldades de todo o tipo, familiares, de integração, de aprendizagem e que tratasse da orientação vocacional. Nunca esquecer que o contacto com os pais, em todos os ciclos de ensino, era frequente. Todos os trimestres, os pais podiam reunir com cada professor e a qualquer altura reunir com os directores de ciclo.

Em resumo, a ideia de *mens sana in corpore sano*, da formação completa e integral, não era uma quimera; era mesmo Razão e Palavra feita carne.

Uma nota ainda para lembrar que o Padre Freitas, homem de Fé inquebrantável, orgulhoso do seu sacerdócio e do seu carisma claretiano, era tudo menos um beato. A sua fé era *Logos*: palavra e razão, não uma superstição, não uma mezinha, não uma ladainha. O colégio do Padre Freitas era católico, mas não era beato. Não havia já missa obrigatória e as referências religiosas eram discretas. Não havia catequização dos alunos, não existia proselitismo religioso, não havia condicionamento ou intimidação. Havia uma vivência despreocupada e até, por vezes, relaxada. E o Padre Freitas era mesmo assim: falava pouco da religião, não andava com o credo na boca, não usava invocar o

nome de Deus em vão. O Jesus do colégio não era talvez o do menino Jesus traquina do poema de Alberto Caeiro, que fugiu dos céus e descia pela encosta, rebolando-se pela erva e gargalhando alto. Mas era um Jesus sem complexos, que não tinha de se impor. Bastava propor-se. O colégio de João de Freitas Ferreira não impunha. Propunha. Sem alarido e sem propaganda. Com o exemplo. Pelo exemplo.

IX

Falar do Padre Freitas é falar de carisma. Foi sem dúvida, em todos os campos do conhecimento e da acção com que fui lidando – seja a academia, seja a cultura, seja a política, seja a religião, seja a vida empresarial –, a pessoa mais carismática que conheci. Confesso: não conheço poucas e, na esfera de conhecimentos que é a minha, digo-o sem exagero próprio de elogios póstumos, ninguém o igualou em capacidade de inspirar, de motivar, de marcar, de influenciar, de convencer. E de o fazer, indistinta e discretamente, entre a razão e a emoção. Ninguém se lhe equiparava, digo-o bem certo do que estou a dizer, em capacidade de fazer e, mais do que isso, no engenho de “fazer” fazer. De nos fazer fazer.

A sua cultura era poderosa, a sua inteligência era fulgurante, a sua palavra era penetrante, o seu exemplo era desconcertante, a sua simplicidade era desarmante. A sua sagesa, o seu bom senso, a sua ciência da natureza humana, a sua compaixão para com as fraquezas e as grandezas dos seus semelhantes, a sua longa e profunda experiência pedagógica, a sua excelência universitária que a todos os colegas fez pasmar –, tudo isto e tudo isso fazia dele um homem de excepção, um homem da Providência: em suma, um homem providencial. Um homem providencial no sentido religioso; mas outrossim um homem providencial no sentido político. Se não tivesse sido uma vocação sacerdotal, o Padre Freitas teria sido um enorme homem político. Como escrevi num livro que lhe dediquei ainda em vida – *Uma Democracia Sustentável*, 2010 – foi um “estadista sem Estado”.

X

Mais importante é naturalmente o seu lado humano. A paixão pela literatura e por Camões, que conhecia e recitava como ninguém. A devoção

quase estética ao Evangelho de João, do qual sempre partia e ao qual sempre regressava. A disposição para receber pais e aquietar as suas angústias. O modo verdadeiro e honesto com que falava e se dirigia a todos os alunos. O orgulho que sentia em ver centenas de miúdos ditos problemáticos a singrarem na vida. A forma como dava razão aos alunos em detrimento dos professores ou dos prefeitos, se estivesse convicto dessa razão. A ironia desarmante, o sentido de humor, o gosto pela vida, a comoção com o sofrimento, a vivacidade da expressão nos olhos e nas mãos, a capacidade infindável de argumentar, persuadir, convencer.

O Padre Freitas foi e é uma das grandes referências da minha vida e da minha formação. A sua influência na minha vida e dos meus irmãos foi tal que os meus pais o convidaram para celebrar as suas bodas de prata em 1986 e as suas bodas de ouro em 2011. Marca tão forte, tão presente e tão benigna que, logo que o colégio me convidou para hoje estar aqui, disse sim. Sim, sem mais. Obrigado por me terem convidado. Estou feliz de estar aqui. E de ter partilhado este momento convosco e com ele, lá onde ele sempre acreditou que, um dia, permaneceria, permaneceria em Deus e Deus permaneceria nele.

Mas, porque essa presença é hoje uma presença ausente e uma ausência presente, vou deixar-vos com a nostalgia, a melancolia, o sentimento que este retorno me traz e que só os versos límpidos de Sofia podem desvelar:

Eis-me...

Eis-me

Tendo-me despido de todos os meus mantos

Tendo-me separado de adivinhos mágicos e deuses

Para ficar sozinha ante o silêncio

Ante o silêncio e o esplendor da tua face

Mas tu és de todos os ausentes o ausente

Nem o teu ombro me apoia nem a tua mão me toca

O meu coração desce as escadas do tempo em que não moras

E o teu encontro

São planícies e planícies de silêncio

Escura é a noite

Escura e transparente

Mas o teu rosto está para lá do tempo opaco

E eu não habito os jardins do teu silêncio

Porque tu és de todos os ausentes o ausente.